

Realismo econômico, a sugestão

por Norberto Svarzman
da UPI

“Os países latino-americanos não podem continuar vivendo em um mundo de fábula e devem reestruturar suas economias para ajustar-se à nova realidade, enfrentando assim a crise da dívida”, disse um importante banqueiro de Nova York, especialista em questões da América Latina. Em sua opinião, o problema do Brasil foi todo criado pelo País, e será preciso esperar que este volte às políticas do passado para então negociar com os bancos.

A entrevista à UPI teve lugar em um dos mais importantes bancos de Nova York e foi realizada sob a condição de não ser revelada a identidade do banqueiro.

Ao lhe ser perguntado se a decisão do governo brasileiro de não pagar os juros de sua dívida poderá causar um agravamento de toda a crise, ele respondeu: “Depende do banqueiro. Nós não temos essa impressão. O problema do Brasil foi criado pelo próprio País, e ele próprio poderá solucioná-lo”.

Depois de dizer que no passado os brasileiros demonstraram que podem criar condições suficientes para atrair capitais e dinamizar sua economia, o banqueiro acrescentou: “Trata-se de uma economia que produz US\$ 220 bilhões anualmente, de um

país de grandes recursos. O Brasil é um grande exportador e de forma alguma desaparecerá do mapa. O Peru, sim, poderá desaparecer, mas o Brasil, não”.

Sobre o futuro do Brasil, o banqueiro, que conhece bem o País, disse: “Com o tempo, sua equipe econômica produzirá um programa apto a fazer frente a seus problemas.”

Após considerar que o Brasil não tomou medidas macroeconômicas adequadas, ele disse que agora é preciso esperar pela volta da política econômica tradicional, e estimou que talvez o programa possa ser posto em marcha em um ano.

Ao ser-lhe lembrado que os países latino-americanos estão sendo prejudicados pela queda, no mercado mundial, dos preços de seus produtos básicos de exportação, e que isso afeta sua capacidade de pagamentos, comentou: “Esse é precisamente o ponto básico. A questão das exportações é uma das causas da crise da dívida, e isso afeta também os Estados Unidos, que enfrentam um problema político sério para saber se protegem ou não as indústrias antigas e de pouca eficiência”.

Segundo o banqueiro, para a América Latina e a África o problema é de fato causado pelos produtos básicos, que têm estado em queda nos últimos 5 anos.

“Estes produtos talvez não se recuperem, e é preciso enfrentar a realidade. Os países não podem continuar vivendo em um mundo de fábula. A economia latino-americana precisa dar grandes passos no sentido da mudança, tais como os que nos Estados Unidos o presidente Jimmy Carter começou a dar em 1978 e 1979, destinados a reestruturar sua economia, eliminando regulamentos e tornando tudo mais eficiente. O país de fato sofreu, mas enfrentamos a situação. A América Latina ainda não fez isso. Por que esperam

que os Estados Unidos possam ter tomado essa atitude e a América Latina não o faça?”

Em sua opinião, o problema precisa ser encarado de um ponto de vista macroeconômico. “Esse é o problema, e os brasileiros são mestres nisso”, comentou, para em seguida dizer que os países devem manter uma taxa de câmbio real, desvalorizando a moeda de acordo com a inflação, para fomentar a capacidade exportadora e limitar as importações. Além disso, prosseguiu, são necessárias taxas de juro realistas, para incrementar a poupança interna, com a consequente formação de capitais, e evitar sua fuga.

No momento, disse, o País tem uma dívida de cerca de US\$ 100 bilhões e um Produto Nacional Bruto (PNB) de US\$ 220 bilhões, “de maneira que a relação dívida-produto bruto é de 45%, o que não é tão mal”.

Além disso, a diferença entre o caso brasileiro e os de outros países latino-americanos é que, no Brasil, a dívida “foi de maneira geral bem usada”.

Segundo o entrevistado, os países latino-americanos continuam mantendo o ponto de vista da economia centralizada nos governos. Tal posição foi exacerbada a partir do final da Segunda Guerra Mundial, com a política de substituição de importações defendida pela Cepal. Os países puderam desenvolver tal política sem maiores problemas porque a inflação fazia aumentar os preços dos produtos básicos, “mas agora estão vivendo em uma época de desinflação, e os preços caíram”.

“A primeira coisa que os países latino-americanos têm de fazer é colocar-se na realidade deste mundo e examinar cuidadosamente a política de substituição de importações, para torná-la mais realista”.

Ao final da entrevista,

ele defendeu calorosamente a idéia da transformação da dívida em investimentos. Também disse que a dívida externa latino-americana chega a um total em torno de US\$ 350 milhões, “o que não é muito, pois equivale a 8% do PNB dos Estados Unidos. Como quantia, não é grande, o grave é que se trata de uma dívida”.

Em sua opinião, US\$ 350 bilhões não serão uma quantia demasiada se se conseguir transformar a metade dessa soma em investimentos. “Caso cheguemos a isso, a medida fortalecerá os países latino-americanos. Na verdade, quando alguém conversa com industriais e homens de negócios fica com a impressão de que os US\$ 350 bilhões são até pouco para as oportunidades de investimentos na América Latina”, disse, para concluir: “Caso esta idéia venha a ser posta em prática haverá um grande impacto sobre o crescimento econômico da América Latina, e dentro de três anos estarão em situação muito melhor”.